

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ALOMA LARISSA DE FARIAS

**O CONTO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO  
NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

ALOMA LARISSA DE FARIAS



## **O CONTO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Nelson dos Santos

# EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2014



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

### O CONTO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Por

**Aloma Larisse de Farias**

Esta monografia foi apresentada às 08h30min h do dia 18 de outubro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Pólo de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof. Nelson dos Santos.  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientador)

---

Professora Flóida M. R. C. Batista  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Professor Evandro André Konopatzki  
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico à Deus que me deu  
forças para continuar a  
jornada conduzindo-me  
pelo melhor caminho e  
indicando as soluções para  
os problemas que me  
afligiam.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador, professor Nelson dos Santos pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

E aos professores da banca, Flóida M. R. C. Batista e Evandro André Konopatzki, por toda observação que somou ao meu estudo.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus de Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

*O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias. É naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos.*

*Machado de Assis*

## RESUMO

FARIAS A. Larisse. **O Conto como Estratégia de Ensino na Alfabetização e letramento**. 2014. 40 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

O estudo realizado visou discutir a concepção de alfabetização na perspectiva do letramento por meio dos gêneros textuais em sala de aula, abordando estratégias para a seleção e utilização dos textos em turmas de alfabetização, tendo em vista o ensino proficiente. Justifica-se assim a temática por entender que o contato com os diferentes gêneros sustentarão estratégias favoráveis à construção dessas competências. O norte da pesquisa é o debate atual sobre os níveis de compreensão dos alunos em relação ao texto que são insuficientes. O modelo de pesquisa adotado foi o estudo bibliográfico, que consiste na discussão sobre a diversidade dos gêneros como fonte inesgotável de possibilidades de atividades, pois cada esfera comporta repertório de gênero do discurso que vai se diferenciando e se ampliando à medida que a própria esfera se desenvolve e torna-se mais complexa. Dessa forma o trabalho em sala de aula que leva em conta questões sobre como planejar o trabalho com a alfabetização de forma a contemplar os diferentes eixos do ensino da língua portuguesa por meio do gênero contos é o que se propôs nesse estudo.

**Palavras-chave:** Sequencias Didáticas. Tipologias textuais. Literatura. Estratégias de Alfabetização.

## ABSTRACT

FARIAS A. Larisse. **The Tale as Announces Energy-Saving Teaching in Literacy and literacy**. 2014. 40 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

The study aims to discuss the concept of literacy in terms of literacy through the genres in the classroom, addressing strategies for the selection and use of texts in literacy classes, considering the proficient teaching. Thus justifies the thematic understanding that the contact with the different genres sustain favorable to the construction of these skills strategies. The northern research is the current debate about levels of student understanding in relation to the text that are insufficient. The research model used was the literature research, which consists of the discussion of the diversity of genres as an endless source of possibilities for activities, as each ball behaves repertoire of genre of discourse that will be expanding and differentiating as the sphere itself develops and becomes more complex. Thus the work in the classroom that takes into account issues about planning to work with literacy in order to accommodate the different axes of the teaching of Portuguese language through gender tales is what the study proposes.

**Keywords:** Didactic Sequences. Textual Typologies. Literature. Estratégias of Literacy.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>12</b>
2.1 A CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO POR MEIO DOS GENEROS.....	18
2.2 GÊNERO TEXTUAL CONTO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS.....	21
2.3 O USO DE OBRAS LITERÁRIAS EM SALA DE AULA POR MEIO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS.....	24
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Analisar a concepção de alfabetização na perspectiva do letramento por meio dos gêneros textuais em sala de aula, abordando algumas estratégias para a seleção e utilização dos textos em turmas de alfabetização, propõe ações de melhoria em relação do ensino proficiente. Destaca-se que o contato com os diferentes gêneros possibilitam aos alunos um conhecimento de mundo amplo e mais favorável à construção de conhecimentos.

A relevância desta pesquisa visa contribuir diretamente, para estudos e mudanças de estratégias que auxiliarão na fixação de conhecimento e, assim, aprimorar a qualidade educacional. Objetiva também a discussão acerca do método e a concepção de alfabetização que norteiam o ensino, pois os mesmos podem ser considerados uma poderosa ferramenta para estudo, visto que interferem diretamente na aquisição de conhecimento.

Diagnósticos apontam a crise educacional relacionada a alfabetização a ao letramento, mazelas observadas nas escolas públicas dão conta de um sistema de ensino sem criatividade tanto dos alunos como dos professores; os currículos são inadequados às necessidades e às potencialidades reais dos estudantes, assim como os anseios da comunidade; os professores encontram-se técnica e pedagogicamente despreparados, desatualizados, em geral, por falta de incentivos profissionais.

O estudo ao discutir a concepção de alfabetização na perspectiva do letramento por meio dos gêneros textuais em sala de aula aborda estratégias para a seleção e utilização dos textos em turmas de alfabetização, na perspectiva de melhoria em relação ao ensino proficiente. Justifica-se por entender que o contato com os diferentes gêneros mediará à sustentação de estratégias favoráveis à construção de conhecimentos. Via de regra, sua eficácia indica ao trabalho realizado sistemático e intencional de forma a mediar a consolidação da aprendizagem de leitura e escrita. Ou seja, um processo de interação, que é viabilizado por meio de uso de obras literárias em sala de aula.

Dessa forma, questões sobre o planejar o trabalho com a alfabetização de forma a contemplar os diferentes eixos do ensino da língua por meio dos contos,

imbricadas na relação prática/teoria, dá-se num espaço de interesse sendo pertinente.

Por intermédio das fundamentações teóricas dos autores Marcuschi (2009), Backthin (2004) Schneuwly e Dolz (1995), Ferreiro (1988), Soares (2003), foi possível reunir as ferramentas mais importantes e, sobretudo, eficazes para o desenvolvimento dessa pesquisa. Ferramentas estas que auxiliam no processo do entendimento.

Os debates a respeito de como trabalhar de forma eficiente tornam-se pertinentes, visto que esse debate tem sido uma constância nos últimos tempos. Os alunos são alfabetizados, mas seu nível de compreensão em relação ao texto é precário.

Dessa forma, o tipo de pesquisa adotado foi o estudo bibliográfico. Quanto à natureza do estudo, Gil (2009) salienta que é a pesquisa básica, ou seja, os dados colocados como problemas ou hipótese a priori serão confrontados apenas pela revisão a partir de estudos já publicados. A forma de abordagem é qualitativa, tendo em vista que procura aprofundar a pesquisa à luz dos autores nominados.

A partir destas considerações, visou-se responder a seguinte pergunta: delimitar um trabalho voltado para o gênero textual conto, realizado de forma sistemática, poderá mediar a consolidação da aprendizagem de leitura e escrita?

No primeiro texto, expõem-se as definições e a importância do ensino que visa ao domínio textual e requer uma intervenção ativa do professor e o desenvolvimento de uma didática específica. Nessa etapa foram considerados os pressupostos teóricos de Schneuwly e Dolz (1995).

No segundo, são abordados os fundamentos da concepção alfabetização e letramento e sua definição. Também mostra sua evolução no decorrer do tempo e como ela nos beneficia no dia-a-dia. Essa etapa foi embasada nos pressupostos teóricos de Ferreira (1998).

Nos últimos textos, enfocou-se a apresentação das metodologias que facilitam o estudo, que consiste na diversidade dos gêneros porque são inesgotáveis as possibilidades das atividades humanas e cada esfera comporta um repertório de gêneros do discurso que vai se diferenciando e se ampliando à medida que a própria esfera se desenvolve e torna-se mais complexa. Nessa etapa foram considerados os pressupostos teóricos de Bakhtin (2004).

Seguem, por fim, as considerações finais e as referências.

Nos anexos, partiu-se da hipótese de que, assimilando o tempo e o conteúdo de estudo com as informações obtidas através de pesquisas, é possível concretizar-se, de forma estratégica, as melhores ferramentas para a apropriação do conhecimento de forma proficiente.

Assim segue as etapas de uma Sequencia Didática, segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 98) e um modelo de atividade amparado nessa metodologia por meio do gênero Conto, que pode ser desenvolvido em turma de alfabetização tendo em vista o desenvolvimento de alfabetizar e letrar e demonstrar o quanto são as possibilidades de encontrar nessa esfera a sustentação para o desenvolvimento de outras tipologias.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Em busca de referenciais teóricos para o desenvolvimento dessa pesquisa que mostrassem como e de que forma o gênero contos poderia dar sustentação ao desenvolvimento da leitura e da escrita de forma proficiente, vê-se que muitos autores abordam essa temática na atualidade; então o que pesquisar visto não se ter novidade a relatar? O que se propôs então foi analisar alguns desses estudiosos dado a relevância que assumiu essa temática na atualidade e, assim, tentar aclarar o que os gêneros textuais que circulam no contexto social têm de diferencial para a alfabetização.

De acordo com Schneuwly e Dolz (1995), o gênero funciona como um modelo comum que determina um horizonte de expectativa para os membros de uma comunidade, com as mesmas práticas de linguagem.

Por intermédio dessa procura, procura-se encontrar algumas respostas e, assim, a justificativa para o desenvolvimento desse estudo. Pois o debate atual sobre o falta da leitura e escrita com eficiência é muito presente em todo o país.

Discussões acerca do trabalho pedagógico com textos em classes de alfabetização são tidas como elemento central do planejamento de ensino, ou seja, os textos tidos como padronizados são os que servem como modelos para o desenvolvimento da leitura e da escrita, geralmente a partir dos livros didáticos. Sabe-se que esse trabalho não tem tido êxito, como apontam os resultados de avaliações externas realizadas pelo MEC, (Ministério da Educação).

Ao observar-se a literatura sobre a temática, salienta-se que apesar de as abordagens atuais já, algum tempo, aconselharem essa dinâmica, observa-se que, em salas de aula, ainda existe uma resistência por parte de alunos e docentes em relação à leitura e à produção de texto.

O fato de a escrita partir de um modelo padronizado faz com que os escritores tenham na escrita uma ação mecânica. Entende-se pela revisão teórica desses autores da área de lingüística que para muitos estudantes, a ação de expressar suas ideias oralmente é considerada algo totalmente natural, no entanto, o ato de reproduzir essas ideias em forma de texto representa um trabalho árduo e penoso.

Dessa maneira o ponto de interrogação é o entendimento de que as diferentes formas de linguagens estão a serviço da comunicação, onde as mesmas

possuem funções de mediação nas práticas sociais entre os indivíduos, ou seja, toda e qualquer escrita tem um propósito, um fim.

Por isso, ainda segundo Schneuwly e Dolz (1995), o ensino que visa ao domínio textual requer uma intervenção ativa do professor e o desenvolvimento de uma didática específica.

Nas análises teóricas observou-se que a mediação histórica entre os homens se faz por meio da linguagem e dessa forma deu um meio, um canal de os seres humanos evoluírem mais que qualquer outra espécie viva no planeta, por meio da linguagem se estabelece a comunicação e a partir dessa os significados aos pares tomam forma de emancipação coletiva.

Dessa forma, salienta-se ser de extrema importância que os educadores obtenham esse conhecimento, e saibam que a toda a forma de linguagem tem significados vasto, e, assim, percebam o processo dinâmico que se estabelece entre a comunicação oral ou escrita com a participação social.

Assim, o trabalho com a linguagem no ensino fundamental sugere que estabeleça e deixe claro para o aluno, que toda escrita tem um motivo. O ensino não pode se restringir às palavras soltas, sem contextualizá-las, mas sim buscar por seus significados incluindo os elementos culturais que delas se originaram e a partir daí empregá-las no texto.

Nesse contexto toma-se como ponto de partida o gênero conto, pois como se fazem notar ainda na atualidade existe a possibilidade desse trabalho voltado pelo interesse dos contos da tradição oral. Dessa maneira por meio da oralidade os contos recebem atribuição de sentidos, de significados e faz parte do universo infantil.

Destaca-se nesse contexto aspectos positivos que viabilizam atribuir pensar sobre as histórias de contos de fadas, príncipes e princesas, bruxas, magos, madrastas, duendes e animais que voam, falam, todas de uma maneira geral povoam o universo da criança e assim mediam o interesse e desenvolve nos mesmos um processo de encantamento eficaz para o desencadeamento de atividades escolares.

Ainda sobre essa demanda e aliados às preocupações com a falta de atribuição de valores sobre os diferentes usos na alfabetização, orienta-se que a literatura infantil seja uma aliada do professor considerando a possibilidade dessa mediação, ou seja, entre o interesse lúdico da criança a priori e a posteriori, alcançar

a alfabetização e o letramento.

Nessa perspectiva, torna-se importante observar como as histórias que os contos trazem dentro de suas tipologias uma narrativa linear e curta, tanto em extensão quanto no tempo em que se passa. Dessa maneira a partir dessas é que as atividades de alfabetização assumem um lugar de ponte para os saberes escolares, voltados para a leitura e a escrita, e conseqüentemente ao letramento. Sobretudo por acreditar que, recuperando o passado e o compreendendo é possível escrever outra história mais conscientemente vivida e pensada.

Assim, como observado anteriormente, o conto tem origem antiga. Sua manifestação está condicionada desde as narrativas orais dos antigos povos, passando pelas narrativas dos gregos e romanos, lendas orientais, parábolas bíblicas, novelas medievais, fábulas de Esopo e La Fontaine, até chegar aos livros, os quais, atualmente, fazem parte do nosso conhecimento.

Não há sociedade sem narrativa. O homem é um animal narrativo. Homo narrador. Todo mundo quer ouvir histórias. Conta-se histórias desde o amanhecer até a hora de dormir. Todas as situações da vida cotidiana propiciam acontecimentos narráveis e vivências desse entrelaçamento de narrativas.

Articulando a expressão oral e escrita pode-se perceber que o desenvolvimento da linguagem escrita na criança está na dependência direta da maior ou menor presença, em sua vida cotidiana, de práticas de leitura e escrita, e também dos modos de inserção dessa criança nas práticas discursivas orais.

Dos estudiosos analisados o ponto em comum foi a aceitação sobram as narrativas da tradição oral, pois se entende que nessa relação adulto/criança, é grande a força do jogo de contar histórias, especialmente as histórias mais antigas, já que estão presentes na vida cotidiana das crianças, seja em relatos feitos pela família, seja em relatos feitos por professoras, a partir da entrada na Educação Infantil.

Dessa forma, os gêneros, como instrumentos intercessores dessa competência que são, têm por função mediar a atividade humana, à medida que exercem essa função, materializam a atividade, dando-lhe forma instrumental de ensino.

Por isso, pode-se afirmar que, embora não se constituam como a própria atividade, que existe independentemente dos instrumentos, são estes que a representam e significam.

Sobre isso, afirma Schneuwly et al (2005),

O instrumento torna-se, assim, o lugar privilegiado da transformação dos comportamentos: explorar suas possibilidades enriquecê-las, transformá-las são também maneiras de transformar a atividade que está ligada à sua utilização. (SCHNEUWLY ET AL, 2005, p. 24)

Diante disso, compreende-se por que é importante que em sala de aula exista uma variedade de gêneros textuais, pois isso permitirá ao aluno observar e assim, atuar, de acordo com os seus objetivos, nas mais diversas situações de comunicação que está presente na esfera social.

Nesse contexto a adoção das práticas de linguagem como ponto central do trabalho pedagógico por meio dos gêneros como instrumentos para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, vem de forma a corroborar na formação de uma prática dialogada com as práticas sociais que se vivencia em nosso dia a dia. Em cada esfera da comunicação humana, do cotidiano, da criação literária, da religião, do jurídico, do comércio, do saber científico, da escola, enfim, a comunicação entre os pares dessa interação constitui práticas sociais da cultura em que se inserem.

Pode-se então levar em consideração as práticas sociais e as atividades como ações dos indivíduos exigidas por práticas sociais. Lembrando que segundo os estudiosos “toda sociedade se organiza por práticas sociais”. Essa organização social se difere de lugar para lugar, de época para época, de cultura para cultura. As sociedades, ao se transformarem, geram, transformam práticas sociais ou extinguem outras já existentes.

Assim, os gêneros que circulam na sociedade se aliam ao ensino mais condizente da linguagem.

Tratando deste aspecto, Dolz, 1996, explica que:

É importante que o aluno não imite os textos escolares, mas que produza textos com referência a situações de comunicação bem definidas, precisas e reais: uma verdadeira explicação de um fenômeno desconhecido; uma verdadeira descrição de uma catedral para um Guia Turístico; uma verdadeira receita culinária que possa ser feita em casa. (DOLZ 1996, p. 6-7).

O canal para a sustentação por meio dos contos são então as narrativas contidas nessas histórias que possibilitam a compreensão de quais competências serão necessárias às futuras gerações?

Afirmam os estudiosos, que se bem trabalhados em todos os seus aspectos, essas narrativas além de exercerem o fascínio das crianças e nos adultos, tem se



mostrado um canal de dialogicidade com os meios tecnológicos modernos tão utilizados nos dias atuais em salas de aulas.

Uma definição de contos apontados como priore seria os gêneros orais, pois chama a atenção por serem histórias inventadas por alguém. Assim, sua forma escrita assume a tipologia das narrativas.

Nesse parentese pode-se relatar sobre outros tipos de conto como os tradicionais que são aquelas histórias que ninguém sabe ao certo quem inventou e que são transmitidas de geração em geração e muitas vezes ficam conhecidas por algum autor que criou a sua versão da história e a reinventou.

Assim é dada outra justificativa para o trabalho com os gêneros pois ao se trabalhar com os contos e neles encontrarem diferentes tipologias, serão essas formas diferentes de narrativas é que vão dar sustentação ao desenvolvimento da competência linguística e escrita, voltada para o letramento.

Para Marcuschi (2009), os gêneros são formas culturais e cognitivas de ação social. Ele é essencialmente flexível e variável. Os gêneros variam como a língua, adaptando-se, renovando-se e multiplicando-se. Hoje a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, social, processual, interativo.

Outro ponto em comum sobre o estudo da língua é que para ser considerada uma forma de comunicação é necessário que os membros de uma comunidade linguística vão estabelecendo, assim, no correr de sua história, modos específicos de se dirigirem a determinado público, para alcançarem determinados objetivos ou funções é o que diferem as variedades linguísticas.

Nesse contexto, em geral, qualquer que seja seu gênero, são constituídos por segmentos de natureza e características diferentes.

Dessa forma, Marcuschi (2009), orienta que o interessante a princípio seria uma seleção de gêneros que mais interessam aos objetivos da escola. Assim, o conto permeia diferentes tipologias que possibilitam a mediação de variadas narrativas que possibilitam os domínios sociais de comunicação tais como: Narrar/Relatar/Argumentar/Expor/Descrever ações.

Ainda nesse entendimento outro ponto em comum é sobre os elementos que podem ser reconhecidos nesse tipo de gênero, pela regularidade no emprego dos recursos linguísticos, e que têm sido chamados de tipos textuais ou tipos de discurso. Dessa forma, escrever é uma ação consciente e não mecânica.

Sobre a questão social da escrita Marcuschi (2009), em seus estudos salienta

sobre como devem ser considerados os gêneros segundo o autor os mesmos possuem categorias, padrões, modelos de texto que, segundo Marcuschi, “têm vida própria”, isto é, circulam de fato na vida social. São muito numerosos, porque atendem as necessidades comunicativas e organizacionais de muitas áreas da atividade humana, e porque se renovam, ao longo do tempo, em razão de novas necessidades, novas tecnologias, novos suportes.

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam designações diversas constituindo em princípio listagens abertas. (MARCUSCHI, 2009, p. 155).

No sentido geral, o autor orienta que os tipos textuais, são marcados pelo uso característico dos recursos linguísticos, podendo ser do tipo “narrativo, expositivo, argumentativo, descritivo e instrucional ou injuntivo”, são alguns tipos que devem ser trabalhados em sala de aula, pois são as diferentes tipologias que darão sustentação ao domínio linguístico e a proficiência na aprendizagem do aluno.

Para esse procedimento os autores orientam que o trabalho com os gêneros deve ser trabalhado na sala de aula de maneira funcional. Isso significa trabalhar com o objetivo de que os alunos aprendam a usá-los. Além do contato com os mais diversos gêneros que circulam na sociedade, o aprendiz precisa conhecer também os suportes da escrita (cartazes, outdoor, faixas, livros, revistas, jornais, folhetos publicitários, folhetos religiosos, murais escolares, livros didáticos, etc.). Tais suportes, na maioria dos casos, podem ser trazidos para sala de aula, a fim de serem manuseados pelos aprendizes, reconhecidos e classificados por eles, em função do seu formato e sua função comunicativa.

Marcuschi (2009) mostra uma proposta tipológica que permite ver com mais clareza a relação estreita que há entre o modo de enunciação, o tipo de texto e os recursos linguísticos empregados. Ele propõe três tipologias, de que só serão registrados os pontos fundamentais, pois são suficientes à nossa pesquisa, evitando assim estender-se desnecessariamente:

- (1) descrição, dissertação, injunção e narração, cujo modo de enunciação é estabelecido para cada um dos tipos em relação ao referente, ao objeto de dizer, ao assunto sendo dado pela perspectiva em que o enunciador/locutor e interlocutor se colocam em relação ao saber/conhecer x o fazer/ acontecer e o tempo e espaço: (i) na descrição, o

enunciador está na perspectiva do espaço em seu conhecer, o que transforma o interlocutor em “voyeur” do espetáculo; (II) na narração, o enunciador se coloca na perspectiva do fazer/acontecer, na perspectiva do tempo e o interlocutor como o assistente; (iii) na dissertação, o enunciador está na perspectiva do conhecer/saber, abstraindo-se do tempo e do espaço, e o interlocutor é posto como ser pensante, que raciocina; (iv) na injunção, o enunciador se coloca na perspectiva do fazer/acontecer posterior ao tempo da enunciação, o interlocutor como aquele que realiza aquilo que se quer, ou se determina que seja feito. (MARCUSCHI, 2009, p. 23; 36).

Nesse sentido pode-se afirmar que os gêneros são construções históricas, como tudo o que é criado pelo homem e que, apesar de configurarem as ações humanas em qualquer contexto do discurso, não são instrumentos estanques, que enrijecem a ação criativa do homem; ao contrário, os gêneros são maleáveis, dinâmicos, transformam-se e, sobretudo, adaptam-se às necessidades e atividades sociais e culturais.

Nessa perspectiva, a abordagem metodológica a partir do gênero conto pode favorecer ao ensino da leitura e da escrita de forma dinâmica e proficiente.

## 2.1 A CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO POR MEIO DOS GÊNEROS

Apontamentos sobre a história da alfabetização dão conta de quanto essas questões são abrangentes, enquanto ampliação e aperfeiçoamento do ensino da escrita da leitura no Brasil, tomando como referência trabalhos de pesquisadores da área.

Ao recordar essa história bem como o percurso que qualquer um teve que realizar para tornar-se alfabetizado e letrado, se faz imperativo reconhecer a importância que teve e que ainda tem os gêneros em uma sociedade que coloca a escrita como condição para emancipação humana.

Observa-se que pela necessidade de continuidade de uso dos sistemas de escrita que motivou os homens a se preocuparem com o ensino as novas gerações ao longo da história. Com fins de obter sucesso nos processos de ensino e de aprendizagem, bem como as concepções de linguagem e escrita, como também os métodos e instrumento como as cartilhas, por exemplo, enfim, os elementos da

organização do trabalho pedagógico na área da alfabetização merecem ser discutido na atualidade com maior rigor.

Nossas escolas tal qual a tem-se hoje, tiveram suas proposições constituídas ainda nos Séculos XVI e XVII. A educação já desejada por Comenius (1592-1670) apresenta formas simbólicas, representadas por figuras de animais, cujo som natural reproduzido relaciona-se às letras do alfabeto e sua pronúncia, seu valor fonético. Livro *Orbis Sensualium Pictus*<sup>1</sup>.

Nesse sentido, as práticas de ensino no decorrer dessa trajetória constitui em tematizações que compõem referências importantes para os desdobramentos de métodos que defendem as possibilidades de estudo da alfabetização, tanto pelo conhecimento sobre o tema quanto pelas inúmeras formas primárias de desencadeamentos de atividades relacionadas a essa prática. Ou seja, o ensino da leitura e da escrita.

Observa-se no Brasil uma forte discussão acerca desse tema com propostas de Ferreiro (1985), procurou compreender o desenvolvimento da leitura e da escrita do ponto de vista dos processos de apropriação de um objeto socialmente constituído e buscou ver se havia modos de organização relativamente estáveis que se sucedia em certa ordem. Pôde assim constatar que,

(...) há uma série de modos de representação que precedem a representação alfabética da linguagem; que esses modos de representação pré-alfabética se sucedem em certa ordem; primeiro vários modos de representação, alheios a qualquer correspondência entre a pauta sonora de uma emissão e a escrita; depois, modos de representação silábico-alfabéticos que precedem regularmente, a aparição da escrita regida pelos princípios alfabéticos. (FERREIRO, 1985).

Nessa concepção, a alfabetização precisa ser concebida como um processo ativo de reconstrução da língua e do conhecimento. Assim, quando a criança erra, por exemplo, ela está testando suas hipóteses, experimentando.

Todas essas colocações devem ser propostas pelo professor de modo a considerar uma perspectiva crítico reflexiva, que vise a transposição didática. Embora no Brasil, as discussões que envolvem as finalidades da educação e a definição do conceito de alfabetização bem como de conceituação do fenômeno chamado letramento ocorrem simultaneamente e fazem parte do processo de democratização da educação brasileira.

---

<sup>1</sup> *Orbis Sensualium Pictus* (O Mundo das Coisas Sensíveis Ilustrados), importante obra de Comenius publicada no ano de 1658.

No entanto, Marcuschi (2009), salienta que não é o que vimos em prática.

O estudo dos gêneros textuais não é novo. Começou com Platão, na Grécia, e esteve, inicialmente, ligado aos gêneros literários. Também, os filósofos, Aristóteles, Horácio e Quintiliano, preocuparam-se com as questões que envolvem os gêneros textuais e essa preocupação perpetua até hoje.

Entretanto, a noção de gêneros já não mais se vincula apenas à literatura, Dionísio (2008, p. 23) afirma que “a noção de gênero ampliou-se para toda produção textual”.

Como dito anteriormente, o conto tem origem antiga. Sua manifestação está condicionada desde as narrativas orais dos antigos povos proferidas em noites de luar, passando pelas narrativas dos bardos gregos e romanos, lendas orientais, parábolas bíblicas, novelas medievais, fábulas de (Esopo e La Fontaine), até chegar aos livros, os quais, atualmente, fazem parte do nosso conhecimento.

A discussão a respeito da pertinência ou não de um trabalho que envolva a linguagem escrita ganhou força na atualidade em virtude dos resultados das avaliações do MEC.

Dessa forma a psicogênese da escrita começa a ser discutida no Brasil com a finalidade e função social tal qual a alfabetização e o letramento tem como pressuposto. O texto, nesse entendimento é tido como fragmentado, pois o ensino por meio do uso de cartilhas é uma das características sobre a relação da concepção de ensino que não se tornou eficaz, não apenas no âmbito da escrita, mas de outras práticas de sala de aula como a alfabetização, em síntese apenas, desenvolvida com o trabalho de leitura com a gramática.

Kleiman, (2003) define letramento como o conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita em contextos específicos e com finalidades específicas.

Pode-se assim, considerar as práticas sociais como formas de organização de uma sociedade das atividades e das ações realizadas pelos indivíduos em grupos organizados. São por meio dessas práticas que se definem as atividades humanas, bem como os papéis e lugares sociais para aqueles que nela estão envolvidos.

A prática pedagógica, nesse instante assume o formato nesse momento como um dos desafios educacionais, tema de discussões entre estudiosos da área educacional. Pesquisas apontam possibilidades, de analisar as práticas pedagógicas

como um processo que melhore concomitantemente com a formação de professores.

Por isso mesmo, a noção de letramento passa a ser ampliada, ou seja, para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita, hoje não é mais aquele que escreve uma boa narração, mas sim aquele que é capaz de escrever e compreender os diversos gêneros discursivos mobilizados nas mais diversas práticas sociais, atendendo a finalidade específica de interação.

Nesse contexto observa-se que o desenvolvimento da criança e sua inserção no mundo que a cerca demandam o domínio e a aquisição da escrita e da leitura como condição básica para a compreensão da realidade e sua transformação. E que essa aquisição deve acontecer de forma a considerar as múltiplas linguagens das crianças.

Dessa forma o professor alfabetizador deve ser o mediador, aquele que apóia e desafia os alunos a se interessarem e se sentirem felizes em construir o conhecimento, partindo da valorização de sua cultura como o bem maior a ser buscado pela escola. Ou seja, a contextualização deve acontecer a partir do meio cultural em que a criança está inserida.

Dessa forma, a pertinência de um trabalho voltado para formação ampla que considere a linguagem em suas funções sociais é evidenciada por meio de estudos pontuados por autores contemporâneos que exploram as funções sócias da linguagem escrita e as insere no ambiente escolar de forma a suprir as necessidades tanto do ato de se alfabetizar com no letrar.

## 2.2 GÊNERO TEXTUAL CONTO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Uma das tipologias que pode ser iniciada logo no início da alfabetização por meio da oralidade são as narrativas que o gênero conto apresenta, pois as mesmas trazem em sua estrutura elementos utilizados no contexto das crianças, ou seja, a oralidade, o contar, relatar causos e acontecimentos e assim, as trazem as falas para se utilizar na fase da alfabetização das crianças.

Estudos apontam que por meio das mesmas podem-se trabalhar todos os eixos da língua portuguesa, de forma complementar inúmeras possibilidades, pois

enquanto escrita de textos narrativos dá sustentação a outras tipologias necessárias a formação do leitor e escritor. Nesse sentido, os gêneros que mais se aproximam desse trabalho são os contos por trazerem tipologias diferentes em uma mesma história, além de a literatura que faz parte do universo infantil de toda criança.

Os Gêneros textuais tem se mostrado um dos recursos disponíveis em todas as escolas, PNBE (Biblioteca da Escola), O PNBE é executado pelo FNDE em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Uma vez definidos os critérios de avaliação e atendimento, além da disponibilidade dos recursos orçamentários previstos no Plano Plurianual (PPA), dá-se início à operacionalização do programa do referido exercício.

As ações do PNBE são executadas de forma centralizada, com o apoio logístico das escolas públicas, prefeituras e secretarias estaduais e municipais de Educação. Em anos pares, os acervos são enviados às escolas de educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos. Já nos anos ímpares, recebem as obras as escolas dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio.

A distribuição dos livros é feita diretamente das editoras às escolas ou, dependendo do tipo de acervo, das editoras a um centro de mixagem, para formação das coleções e posterior envio às escolas. A distribuição do PNBE é feita pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). Essa etapa do PNBE conta com o acompanhamento de técnicos do FNDE e das secretarias estaduais de educação. Em se tratando de escolas das zonas rurais, os acervos são entregues na sede das prefeituras ou das secretarias municipais de educação, que devem distribuí-los às escolas.

O PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) é um recurso que executa diretamente esse repasse dentro da escola, não havendo repasse de recursos para as aquisições de livros didáticos, acervos de obras literárias, obras complementares e dicionários vistos a biblioteca do FNDE, ou seja, materiais que são enviados em todo território nacional pelo Programa do Governo.

Assim, entende-se que não há falta desse recurso em nenhuma escola por menor que seja. Por meio do Gênero conto de fadas ou de qualquer outro tipo de conto, pode-se observar a existência nas narrativas de tipologias diferentes em uma mesma história.

A simplicidade ao se contar uma história ou mesmo deixar que o aluno tenha em mãos esse recurso, viabilizam uma série de possibilidades que podem ser utilizadas para o trabalho com a alfabetização da leitura, escrita e análise linguística, sem contar que as tipologias encontradas nas narrativas são por vezes diferenciadas então dessa forma, entende-se que uma tipologia dá sustentação para o desenvolvimento de um escritor e leitor com maior eficiência do que apenas utilizar os textos destacados nos livros didáticos.

Não que os textos didáticos sejam ineficazes, não é isso que se observa, mas fora do contexto é apenas uma tentativa mecanizada de habilitar os alunos para essa competência. Não devendo ser apenas um único recurso.

Em Rojo (2005. p. 26), no texto intitulado “Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: questões teóricas e aplicadas” há uma discussão sobre a diferença teórico-metodológica envolvida no uso das terminologias: teoria de gêneros do discurso ou discursivos e teoria dos gêneros de texto ou textuais.

Para a autora, ambas as leituras estão ancoradas em diferentes leituras bakhtinianas, mas a distinção está no fato de que a primeira centra seu estudo nas situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio históricos, e, a segunda, na descrição da materialidade do texto.

Assim, a possibilidade e a disponibilidade de se trabalhar com os contos de fadas logo nos primeiros anos de ensino, apontam para uma forma lúdica e que motiva mais a criança por fazer parte do universo infantil. Qual criança já não ouviu a história de Branca de neve e os sete anões ou chapeuzinho vermelho, ou ainda o Gato de Botas, enfim, são contos que povoam o imaginário não só dos alunos, mas também do próprio repertório dos professores. Além de apresentarem em diferentes formatos ou mais conhecido na linguagem pedagógica “suportes” tais como os filmes, os desenhos animados e músicas.

Dessa forma, os suportes diferenciados também trazem versões modernas mais atuais ou mesmo contemporâneas que fazem sentido ao aluno dessa escola.

Entretanto, torna-se relevante mencionar que em termos comparativos há somente um ponto em que se divergem – o da extensão.

O conto revela-se como uma narrativa mais condensada e, conseqüentemente, apresenta poucos personagens, bem como o tempo e o espaço também é reduzido. Como bem retrata o seguinte excerto: Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações



valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado. [...] (FIORUSSI, 2003, p. 103)

De acordo com Bakhtin (2004), a diversidade dos gêneros é infinita porque são inesgotáveis as possibilidades das atividades humanas e cada esfera comporta um repertório de gêneros do discurso que vai se diferenciando e se ampliando à medida que a própria esfera se desenvolve e torna-se mais complexa.

Os autores pontuam que os gêneros oportunizam a aprendizagem, dessa forma, cabe ao professor estruturar sua prática pedagógica coerente com atividades que tenha os gêneros como instrumento para o ensino e aprendizagem. Por meio da ativação do conhecimento de gêneros estabelecidos socialmente e na comunidade discursiva do aluno, por meio de exercícios de análise e reconhecimento das propriedades comunicativas e formais de cada um, realçando seus efeitos comunicativos, em função dos interlocutores nas situações concretas de comunicação.

Nessa concepção não há lugar para reprodução e modelos pré-estabelecidos e sim uma estruturação, onde uma tipologia dá sustentação a outra e as crianças possam se apropriar e ascender ao seu uso social.

Destaca-se dessa maneira que o uso social dos gêneros textuais, deva promover sempre que possíveis experiências autênticas de uso da linguagem. Portanto, a função da escola é habilitar seus alunos para usos autênticos da linguagem.

### 2.3 O USO DE OBRAS LITERÁRIAS EM SALA DE AULA POR MEIO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Uma forma que chama a atenção do processo de alfabetização é a inconstância de atividades ou mesmo a descontextualização das práticas de leitura e escrita em que os alunos nessa fase de escolarização são submetidos.

Nesse contexto, podem-se atribuir a esse fato a questão dos índices de analfabetos funcionais, aqueles que não conseguem ao menos diferenciar um simples bilhete de um convite por exemplo.

Dada a irregularidade e superficialidade dos encaminhamentos solicitados em sala de aula, ou seja, se acaso for trabalhado a tipologia convite, a maioria dos professores alfabetizadores não trabalham de forma a criança perceber que são várias possibilidades de se comunicar por meio de um convite.

Outro bom exemplo é o trabalho com a tipologia convite que geralmente vem em todos os livros didáticos, assim, os encaminhamentos das atividades apenas por meio do livro não possibilitará a criança entender a função e o meio social em que se coloca esse tipo de texto, ao mesmo tempo um convite pode ser para um aniversário ou festa, como para em evento maior ou mesmo para um funeral entre outras possibilidades.

Não se trabalha de forma a continuidade de que os mesmos possam estabelecer relação entre uma tipologia e outra, dessa forma, a superficialidade das atividades não capacita as crianças ao menos de fazer distinção entre um convite ou um comunicado ou bilhete.

Observa-se que esse tipo de competência não é desenvolvido nas crianças com proeficiência conforme os índices da Provinha Brasil apontam.

É inegável que se não se habilita nos alunos essa competência, como irão dar conta de diferenciar os mesmos em um contexto diferente do que lhes foi colocado. Então podemos refletir: de quem é a culpa?

No intuito de destacar as vantagens metodológicas por meio de sequencias didáticas, podemos antecipar alguns pontos positivos tais como a previsão das atividades com ligação ou continuidade, assim, a clareza dos objetivos são fundamentais, pois é preciso ter em mente o que se quer ensinar e o que deve ser avaliado.

Para uma melhor interpretação sobre o que é sequência didática, tomou-se como base de análise três conceitos que definem com clareza essa prática pedagógica e podem ajudar a entender melhor essa dinâmica, nesse sentido é preciso que o professor tenha elaborado bem esse conceito, e assim possa ter em mente os objetivos claros que se queira desenvolver.

As sequências didáticas são um conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo, etapa por etapa. Organizadas de acordo com os objetivos que o professor quer alcançar para a aprendizagem de seus alunos, elas envolvem atividades de aprendizagem e de avaliação. (AMARAL & SILVEIRA 2010).

Definição de Dolz (2004),

O trabalho com sequências didáticas permite a elaboração de contextos de produção de forma precisa, por meio de atividades e exercícios múltiplos e variados com a finalidade de oferecer aos alunos noções, técnicas e instrumentos que desenvolvam suas capacidades de expressão oral e escrita em diversas situações de comunicação, (DOLZ, 2004, p. 68).

Nessa mesma linha, Machado e Cristóvão (2006) complementam:

As sequências didáticas são um conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo, etapa por etapa. Organizadas de acordo com os objetivos que o professor quer alcançar para a aprendizagem de seus alunos, elas envolvem atividades de aprendizagem e avaliação. (MACHADO & CRISTÓVÃO 2006, p.35)

Nesse sentido, pode-se atribuir que por meio da organização do trabalho pedagógico articulado por sequências didáticas constitui um diferencial pedagógico que colabora na consecução dos objetivos expressos nos quadros dos direitos de aprendizagem da criança como sugerem o pacto nacional pela educação na idade certa o Pnaic (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) do Ministério da Educação.

Torna-se então importante articular o ensino desenvolvendo competências e habilidades por meio de atividades ligadas entre si, planejadas para alcançar as diferentes aprendizagens, ou seja, os diferentes níveis de conhecimentos do qual compõe toda sala de aula.

Estudiosos pontuam que a linguagem quando consideradas como prática social, os gêneros textuais tornam-se instrumentos para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita possibilitando ao professor pensar em uma variedade de práticas sociais que vivenciamos no cotidiano e dessa forma mediam o processo de ensino e aprendizagem, fazendo a prática pedagógica a ter sentido para as crianças.

Desenvolver por meio dos gêneros as práticas de leitura e de escrita como uma possibilidade de um meio de transformação e um caminho para o avanço de uma construção de cidadãos críticos e participativos por meio da prática pedagógica escolar é um dos desafios da educação contemporânea.

Em busca dessa justificação, orientam que esse tipo de atividade pode ser usada em qualquer disciplina ou conteúdo, de forma interdisciplinar, ou ainda como diria Chevallard (2005), que chamou de transposição didática.

Segundo o autor:

As sequências de atividades estão direcionadas para se ler com as crianças diferentes exemplares de um mesmo gênero ou subgênero (poemas, contos de aventura, contos fantásticos...), diferentes obras de um mesmo autor ou

diferentes textos sobre um mesmo tema. Ao contrário dos projetos, que se orientam para a elaboração de um produto tangível, as sequências incluem situações de leitura cujo único propósito explícito – compartilhado com as crianças – é ler. (CHEVALLARD 2005, p. 256).

Nesse contexto de comunicação foram desenvolvidas as intervenções pedagógicas, próprias da alfabetização. Foi preciso ensinar as palavras em sua grafia e reconhecer o sentido do texto, identificar os significantes e seus significados, compreender o sistema de representação da língua escrita. Os atos de ensinar e responder às perguntas organizadoras de um texto; quem diz? O que Diz? Para quem Diz? Que tipo de texto está sendo escrito, é descritivo ou narrativo?

Alguns problematizadores sobre as condições de vida e trabalho apontaram para a necessidade de ampliar os estudos relativos às práticas culturais de outros lugares e tempos diversos, fazendo-se necessárias pesquisas com livros, jornais e documentos oficiais de instituições brasileiras.

Observou-se que em salas de alfabetização, um dos livros de leitura apresentava narrativas com explicações de cenas e cenários da vida.

Assim, acredita-se que um ensino instigando o gosto dos estudantes pelos gêneros é conduzi-los a desafios, a exercerem suas criatividade, a elaborarem novos conceitos a serem inventivos, enfim, possibilitar a transformação no sentido de crescimento que proporcionam a vislumbrar um futuro com maiores possibilidades emancipação.

Em trabalhos pedagógicos os conteúdos trabalhados por meio de sequências didáticas elencam-se diversas situações favoráveis tais como a interdisciplinaridade e o desenvolvimento dos temas transversais, ainda mais possibilitam as competências e habilidades para o trabalho com os gêneros discursivos.

Diante disso, a continuidade dos conteúdos escolares, por meio das sequências didáticas é a aplicação de diferentes atividades dando conta de atender as necessidades individuais da cada aluno é oportunizar desafios a se chegar a uma solução; o conhecimento de forma mais ampla.

Por isso, a importância de ensino por meio de sequências didáticas no ensino fundamental tendo em vista o desenvolvendo das habilidades já nos primeiros anos de estudo e assim, suprir as lacunas que se encontram na formação do ensino escolar em relação aos aspectos do uso das tipologias textuais em sala de aula.

A aprendizagem é um processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes e valores a partir de um contato com a realidade, o meio

ambiente e outras pessoas construindo o conhecimento que é apropriado pelo sujeito face ao que presencia e vive no ambiente em que está inserido.

Portanto ao se considerar o ensino planejado em forma espiral e não linear como até então tem se apresentado, previne-se dificuldades de aprendizagem e desenvolve-se a sua relação com a base teórica prática e dar sustentação de leitura e escrita de forma eficiente como demandam a educação escolar, ou seja, entre todas as partes garantindo uma unidade organizada.

Outro aspecto a ser considerado é que os professores relutam e não consegue admitir que a alfabetização e o letramento sejam tarefas que exigem esforços além do simples ensinar.

Nesse sentido, um planejamento adequado ao meio social é transcender para uma prática que dê espaço aos conhecimentos prévios que as crianças já possuem.

Nessa concepção, o trabalho com gêneros possibilita mostrar o uso da função social, ou seja, o uso do que se vai trabalhar fora da escola, ou seja, desenvolver capacidades necessárias para o uso da escrita em diferentes contextos sociais.

Talvez esse prisma possibilite que se possa atribuir aos protagonistas da educação escolar tanto ensinantes como os aprendizes, recebam os conteúdos linguísticos da escola com outros olhos, para legitimar o ensino da leitura e escrita, tentando romper com a banalidade do dia a dia escolar por meio dessa prática, ou seja, a sequência didática.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade do momento atual permite-nos vislumbrar diversas transformações, mas também permite verificar as estagnações em relação ao processo de ensino e aprendizagem, isso porque somos sujeitos à nossa própria aceitação. É com relação a essa aceitação, ou assimilação de uma nova visão que se pode dizer que a imprevisibilidade do futuro por vezes assombra, podendo alcançar vitória ou o fracasso. Talvez seja o receio do fracasso que faça com que as pessoas prefiram não se sujeitarem às adaptações para que se encontrem resultados que possam satisfazer objetivos que se fazem emergentes na atualidade.

O intuito deste trabalho foi possibilitar aos profissionais da área de alfabetização a reflexão acerca dessa nova visão, mas sempre sem se prender à imprevisibilidade do futuro e sim buscar torná-la mais compreensível para que ela tenha acesso as tendências metodológicas que servem para que esses educadores estejam aptos a lidar com as necessidades que se encontra nessa atividade. É essa nova visão que permite afirmar que a imprevisibilidade sempre existiu e é ela que dará oportunidades de melhoria no ensino da alfabetização e do letramento.

Talvez seja pretensão querer que esse estudo seja a resolução dos problemas desse processo, mas baseando em outras pesquisas, buscam-se respostas para as dúvidas, dessa forma, acredita-se que a tendência é que outros estudos que irão surgir possa colaborar para a melhoria do ensino da alfabetização e do letramento porque os diversos fatores que envolvem a educação como os desafios contemporâneos contribuem para isso.

A escola tem a responsabilidade de instrumentalizar os seus alunos para usos autênticos da linguagem. Ensinar o domínio da Língua Portuguesa significa ensinar os alunos a escolherem o gênero adequado a cada situação comunicativa e a usá-lo, com propriedade e segurança, em suas experiências de vida fora da escola.

Ensinar o domínio da Língua Portuguesa significa ensinar os alunos a escolherem o gênero adequado a cada situação comunicativa e a usá-lo, com propriedade e segurança em suas experiências de vida fora da escola. Como pontuou Backthin (2004), o trabalho por meio dos gêneros conto, torna-se fontes inesgotáveis, por comportar repertório do discurso que vai se diferenciando e se ampliando à medida que a própria esfera se desenvolve e torna-se mais complexa.

Dessa forma, pode-se dizer que mesmo não sendo a solução para todos os problemas e nem é essa intenção, este estudo pode possibilitar uma melhor assimilação por parte dos educadores dessa área para que a melhoria que se deseja na educação seja alcançada.

Entende-se que esse é um processo gradativo, onde toda mudança necessita de tempo para adaptar-se aos novos conceitos.

Assim, baseados nas novas tendências do ensino, é fundamental que os educadores alfabetizadores tragam junto a seu conhecimento sistêmico esse embasamento teórico sobre abordagens e métodos, conciliando a sua própria característica profissional, analisando e procurando a melhor forma de aplicá-los em sala de aula. Também se salienta sobre a necessidade dos profissionais da educação se manter atualizados e de procurarem se adaptar às novas tendências visando à melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Enfim, a análise, a reflexão e a pesquisa são as melhores formas para que os alfabetizadores consigam definir o melhor caminho para que sua carreira como educador seja promissora, pois é fundamental que um profissional que tem um compromisso com a educação, busque sempre novas perspectivas para sua vida bem como para sua prática docente.

Considera-se dessa maneira que o por meio do gênero conto pode-se desenvolver atividades de sustentação de forma habilitar as competências para leitura e escrita de outras tipologias.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, R. R. ; SILVEIRA, T. A. Produção de vídeo e roleplaying game (RPG) como recursos colaborativos no ensino da Alfabetização. Formação e Práticas Pedagógicas: **Múltiplos olhares no Ensino da Alfabetização**. 1ª ed. Recife: Edições Bagaço, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. MEC. SEF. Tecnologias da comunicação e informação. In: \_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais (5ª parte). Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 133-157.

CHEVALLARD, Y. **La Transposición Didáctica: del saber sabio al saber enseñado**. Buenos Aires: Aique, s.d. 3ª Ed. ESTOY, 2005. Disponível em: [http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12370/12370\\_9.pdf](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12370/12370_9.pdf).

DOLZ, J. **Gêneros escolares. Das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. 1996

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita**. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: Gêneros Oraís e escritos na escola. Campinas (SP): Mercado de Letras; 2004.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre Alfabetização**. Tradução de Horácio Gonzáles e outros. São Paulo: Cortez, 1985

FERREIRO, E. Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. In: LEAL, T. Alfabetização: **apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998.

FIORUSSI, A. Doutorado Universidade de São Paulo (USP) Departamento de Letras Modernas. 2012. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano2-Volume1/literatura-artigos/Como-as-fiiguras-num-panorama Andre-Fiorussi.pdf>.



FIORUSSI, A. In: Antônio de Alcântara Machado ET alii. **conto em conto**. São Paulo; Ática, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2003.

LEAL, T.; ALBUQUERQUE, E.; LEITE, T. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?). In: FERREIRA M. B. C e LEAL, T. F. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Recife, PE: Autêntica, 2008.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L. **A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros**. Revista Linguagem em (Dis) curso, volume 6, número 3. set/dez., 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais & Ensino**. 5<sup>o</sup> ed. São Paulo: Lucerna, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **O livro didático: gênero ou suporte? A identidade de gênero e sua escolha no ensino**. (NELFE), 2008.

PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA. **Alfabetização em foco: Projetos Didáticos e Sequências Didáticas em diálogo com diferentes componentes curriculares**. Brasília 2012. Ano 03. Unidade 06. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/2012-09-19-19-09-11>.

ROJO, R. **Perspectivas enunciativo-discursivas em produção de textos**. Anais, Congresso de Linguística Aplicada, 4. (pp. 285-290). Campinas: DLA/IEL/UNICAMP. 1996.

ROJO, R. **A teoria dos gêneros em Bakhtin: Construindo uma perspectiva enunciativa para o ensino de compreensão e produção de textos na escola.** In: B. Brait (Org.). Estudos enunciativos no Brasil: Histórias e perspectivas. São Paulo: Fapesp, 2005.

SOARES, M. As muitas facetas da alfabetização. In: **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contextos, 2003.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.; et al. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

SCHNEUWLY, B. et al. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

**ANEXOS**

## ANEXO A - Etapas da Sequência Didática

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).

1ª Etapa Apresentação da situação

2ª Etapa Produção inicial

3ª Etapa Módulos

4ª Etapa Produção final

### **1ª etapa: Apresentação da situação**

Tem-se como finalidade expor aos alunos uma proposta de comunicação que será realmente realizado na produção final. Construção da representação de uma situação de comunicação e das atividades que serão realizadas:

### **2ª etapa: A primeira produção**

Tentativa de elaboração, por parte dos alunos, de um texto relativo ao gênero escolhido, com o objetivo de revelar as competências já instaladas e a representação que fazem do gênero em questão.

Primeiro lugar de aprendizagem da sequência, pois constitui um processo de conscientização das próprias dificuldades e problemas a serem ultrapassados. No caso dos alunos do 1º ano do ciclo de alfabetização é fundamental que essa produção seja oral, e depois coletiva (transcrita pelo professor).

### **3ª etapa: Os módulos São trabalhados os problemas apresentados na primeira produção, levando-se em consideração (Schneuwly e Dolz, 2004):**

Problematização do trabalho em diferentes níveis:

- Elaboração de conteúdos, planejamento do texto, realização do texto;
- Variações de atividades e exercícios: atividades de observação e análise de textos, atividades simplificadas de produção de textos;
- Capitalização das informações: os alunos devem ser capazes de falar sobre o gênero abordado, ou seja, dominar a linguagem técnica.
- Não há um número exato de módulos a serem realizados (e cada módulo pode ser subdividido em oficinas).

**4ª etapa: Produção final**

Oportunidade que deve possibilitar ao aluno por em prática os aprendizados que ocorreram no processo. O professor poderá utilizar essa produção como avaliação. O ideal é que se faça revisão.

## ANEXO B - Modelo de uma sequência didática com o Gênero Contos

**TEMA:** Os três porquinhos

**Gênero Textual:** Conto Infantil

**Área de Conhecimento:** Português, Matemática, Artes, Geografia e História

**Objetivos:**

- Explorar gênero textual: conto infantil;
- Ler e interpretar o conto;
- Estimular o aprendizado da escrita através do lúdico;

**Conteúdo:**

- Conto infantil;
- Linguagem oral e escrita;

**Tempo estimado:**

Uma semana

**Material necessário:**

Caderno, papel ofício, lápis, cola, tesoura, quadro, piloto, papel madeira, lápis de cor, DVD do conto infantil: Os Três Porquinhos; aparelho de TV e DVD, avental, fantoche, livro de história, infantil;

**Desenvolvimento**

**1º Momento:**

- Levantamento prévio do gênero textual conto infantil;
- Exploração oral do gênero textual;
- Socialização do conto infantil Os Três Porquinhos (fantoche, avental e livro lúdico, DVD);
- Caça-palavras;

**2º Momento:**

- Escrita de lista de palavras encontradas na história dos Três Porquinhos;
- Cruzadinha dos personagens;
- Relacionar os diferentes tipos de moradia, confeccionando através de material reciclável;

**3º Momento:**

- Reconto da história;
- Ilustração do conto infantil, através de desenho;
- Produção de acróstico;

**4º Momento:**

- Produção textual através de gravura e confecção de cartaz;
- Confecção do porquinho utilizando material reciclável;
- Confecção do mural

**5º Momento:**

- Filme “os três porquinhos”
- Dinâmica da bexiga (simulando o sopro do lobo mal)
- Socialização do mural;
- Exposição dos trabalhos feitos através de slides.

## ANEXO C - Sequência Didática

As atividades aplicadas referem-se aos alunos dos 2º anos, turmas A e D dos turnos matutino e vespertino referente à sequência didática que foi trabalhada com eles o tema “Os Três Porquinhos”, com o gênero textual conto infantil. Teve como objetivo relacionar o aprendizado da leitura e da escrita com a historinha infantil, analisando a aprendizagem dos alunos. A principal questão norteadora dessa prática foi tornar a alfabetização um momento mais prazeroso e significativo, quando relacionada à literatura infantil.

**No primeiro momento:** juntamos todos os alunos dos 2º anos e fizemos um levantamento prévio apresentando as características de um conto, foram mostrados alguns exemplos no data show como João e Maria, A Bela Adormecida, Branca de Neve e finalmente Os Três Porquinhos. Após todos assistirem e observarem as imagens, as professoras enfatizaram o aprofundamento do tema. Cada uma contou do seu jeito sua história. Uma usando os fantoches, dos personagens, a outra apresentou através da história no avental e a última com a história do livro caixa. Éramos Três professoras, após as histórias os alunos interagiram e exploraram a oralidade e em seguida fizemos um caça palavras aonde eles encontrariam palavras referentes a alguns materiais usados nas casas construídas dos personagens da história.

**Segundo momento:** foi feito uma lista de palavras da historinha citadas pelos alunos e a separação silábica. Logo a seguir uma cruzadinha com os nomes dos personagens e relacionar os diferentes tipos de moradias e confeccionando com material reciclável.

**Terceiro momento:** foi feito o reconto da história e ilustração através de desenhos com nome dos personagens e um acróstico com o tema OS TRES PORQUINHOS, com palavras da história.

**Quarto Momento:** a turma foi dividida em grupos de quatro a cinco alunos onde foi proposto que as crianças produzissem um texto não esquecendo o título, através da numeração e sequencia da história e confecção de cartaz, em seguida foi feito uma porta moeda com a garrafinha PET Juninho foi forma de porquinho. E também, eu, professora fiz um porta treco com vasilhame de sorvete com o tema.



**Quinto momento:** foi realizado um marca página para os alunos. Ainda na sala de aula fizemos a brincadeira das bexigas simulando o assopro do lobo. Também a confecção do mural e a exploração dos trabalhos realizados. Finalizando com as turmas unidas assistindo a verdadeira história dos Três Porquinhos.